

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA INFÂNCIA ENTRE OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE PELOTAS: IMAGENS DE INFÂNCIAS

DANIELA DA CRUZ SCHNEIDER¹; FELIPE FONTES DELFINO²; DIEIZON OLIVEIRA³;
ANGELA VIEIRA⁴ DENISE MARCOS BUSSOLETTI⁵

1 Universidade Federal de Pelotas – danic.schneider@gmail.com

2 Universidade Federal de Pelotas - felipefdelfino@hotmail.com

3 Universidade Federal de Pelotas - dieizonoliveirarodrigues@gmail.com

4 Universidade Federal de Pelotas - angelacarla3012@gmail.com

5 Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A infância¹ em relação a quem a nomeia ou a estuda, esbarra quase que inevitavelmente na primeira trama que a palavra sugere. Tanto a palavra infante como infância, em sua origem latina, situa-se num campo semântico que se aproxima dessa ideia de ausência de fala. O infante, portanto, é aquele que não fala. Adentrar nesse universo de significações sugere assim buscar compreender: o que a infância é? O que faz ser criança?

Aspira-se, a partir desta pesquisa, apreender as re-apresentações da infância no contexto da sociedade que a engendra e a constitui, mais especificamente parte do seguinte objetivo geral: Identificar as representações sociais de infância entre os professores da rede municipal de educação infantil da cidade de Pelotas. Para tanto se pretende investigar os professores quanto ao seu discurso, explorando as hipóteses acerca dos elementos estruturantes das suas representações acerca do que a infância é, e por quais caminhos pode ser apreendida. A pesquisa aponta, ainda, para os seguintes objetivos específicos: Analisar as representações sociais de infância disponíveis entre os professores da rede municipal de educação infantil da cidade de Pelotas; Comparar as representações sociais da infância dos professores com a literatura disponível sobre o tema; Caracterizar as representações da infância dos professores de acordo com os princípios das gramáticas das culturas infantis; Suscitar na rede pública de educação debates e discussões acerca das representações de infância na atualidade e entre os professores especificamente.

Cabe a este trabalho apresentar resultado parcial da pesquisa, através de 4 categorias, que aqui chamamos de imagens de infância. São elas: imagem da infância de incompletude, imagem da infância bitolada, imagem da infância saudável e imagem da infância ideal.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa será de abordagem qualitativa. O número de professores investigados corresponde ao total de 10 professores(as) da rede pública municipal escolhidos de forma aleatória.

A estratégia metodológica prevê a realização de entrevistas narrativas partindo de um roteiro proposto, a infância ontem, a infância hoje e a infância amanhã enquanto esquema autogerador. O “esquema autogerador” busca

¹ A palavra infância em do latim infantia,ae que pode significar tanto não falar, como aquilo que é novo, uma novidade; do latim infans,ántis, o que não fala, criança.

assegurar as principais características apontadas por Jovchelovitch & Bauer (2002) que são: “textura detalhada” (tempo, lugar, motivos...), “fixação da relevância” (representação das estruturas de relevância dos centros temáticos) e “fechamento da gestalt” (o começo, o meio e o fim de uma história).

O objetivo da entrevista será o de explorar e fazer com que as narrativas fluam e reproduzam da forma mais espontânea e com o maior detalhamento possível as representações disponíveis.

A análise da entrevista narrativa seguirá a proposta de Schutze (1977- 1983) apresentada por Jovchelovitch & Bauer de análise temática, sistematizada em seis passos: Transcrição do material verbal gravado; Divisão do texto em material indexado (referência concreta) e não indexado (valores, juízos); Tomando os elementos indexados constituir uma ordem de acontecimentos no texto, definindo e buscando “trajetórias”; As dimensões não indexadas serão investigadas como representações do auto-entendimento do informante no contraponto com a estrutura geral da narrativa; Agrupamento e comparação entre as trajetórias individuais; Identificação de trajetórias coletivas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destacamos, do material até o momento coletado, quatro categorias para as representações de infância. Optamos, provisoriamente, por chamar estas categorias de imagens. E as imagens que encontramos são: infância incompletude, infância bitolada, infância saudável e infância ideal.

Cabe ressaltar, que estas imagens são provisórias. Não só pela parcialidade dos resultados desta pesquisa, mas por considerar que não se pode falar de uma única infância, atentando para a pluralidade de representações e significações que a infância pode produzir. Embora estas categorias estejam em processo de construção – e modificando-se a cada nova entrevista – apresentamos aqui, a partir de 4 entrevistas feitas, algumas destas imagens, que são antes pistas, alguns rastros para que outras categorias-imagens possam ser operacionalizadas e elaboradas.

Infância da incompletude. Infância pautada pela vontade de pedagogia, representando o sujeito infantil pelo não-saber: a criança não sabe e cabe ao adulto, mais precisamente a figura docente, prover o conhecimento a esta criança. Na fala de uma das professoras isso fica evidente quando aborda as atividades com a arte e o lúdico. Estas são utilizadas como instrumentos para chegar até a criança, para reforçar os conhecimentos que devem ser ensinados. As brincadeiras e atividades artísticas são utilizadas como meios para alcançar o mundo infantil, o mundo do não-saber, que parece não ser habitado pelos adultos. Nesta imagem há esta divisão de mundos: uma criança que não entende o mundo adulto e precisa apreendê-lo; e um adulto que não chega até a criança, que está em um lugar diferente do ela.

Infância bitolada. O adjetivo fica por conta da professora. Trata-se dessa geração interativa, que dialoga com o mundo através de membranas sensíveis à criação: a tela. Bitoladas pela tela, na tela, diz a professora. Tela do computador, tela do celular, tela do tablet, tela da televisão. Bitoladas, como se houvesse apenas uma fixação limitada. Nesta imagem, então, o movimento parece ser só um ato do corpo, que necessita de rua para ser livre.

É como se não houvesse imaginação, tampouco produção de pensamento, naquela interação com as telas. Esboça-se a defesa de uma imagem saudável. Porém, ainda é preciso fazer ressalvas quanto ao movimento que está em jogo na infância bitolada. Trata-se de uma infância que se movimenta através das

múltiplas conexões e ligações que criam. Inventam caminhos, para depois rompê-los, para subtraí-los, formando tramas. Inventam mundos, adentram em diferentes mundos. Dão movimento a estes mundos.

Cada vez mais crianças têm acesso à rede, ultrapassando condições geográficas, sociais e econômicas. E a escola torna-se, nesta mesma proporção, um lugar desinteressante. Cria-se, então, uma disputa pela atenção da criança, como se a professora já não fosse mais capaz de acompanhar a velocidade de acesso, os encantamentos e as possibilidades que o mundo virtual oferece. A criança coloca em xeque a figura do mestre docente, que agora não sabe. Cria-se uma espécie de domínio do infantil, um lugar em que sabem aquilo que o professor não sabe, contrariando a imagem da infância da incompletude. E, então, agora é o professor que está neste lugar de não-saber.

Esboça-se, então, a defesa de uma *imagem saudável*. As crianças interagem com este mundo que está afastado de muitos professores. E, ainda que possam reconhecer alguma positividade neste ethos digital, a fala dos docentes tende a defesa de uma infância que movimenta o corpo, que brinca na rua, que sobe em árvore, anda de bicicleta, que jogam futebol.

Infância saudável. Nesta imagem a criança precisa extravasar a sua energia. Precisa ir para rua, correr, pular, enfim, alguma atividade que possa desenvolver o corpo e que a retire do mundo digital.

A infância saudável aponta para uma diferença na estrutura familiar de hoje e de algumas décadas atrás. As atividades na rua tornaram-se uma impossibilidade, pelo menos sob os cuidados dos responsáveis, que saem para trabalhar em jornadas duplas e até triplas de trabalho. As gerações precedentes educaram-se sob a figura materna, que administrava as atividades das crianças. Juntamente com o desenvolvimento tecnológico, houve estas mudanças nas estruturas familiares. E, assim, a televisão e o computador focam a atenção das crianças para dentro de casa, incentivando aquilo que categorizamos como *infância bitolada*.

Infância ideal. Paira sobre a diferença entre infância bitolada e infância saudável, uma infância ideal. Ela está bem próxima da segunda, mas com uma pequena diferença: dá-se ao direito de rememorar e trazer como um modelo “a infância de antigamente”. Ela surge quando se pede pelo passado, pela infância da professora. Rechaça a infância bitolada, posta como extremo oposto, e louva a infância saudável, como se fosse uma centelha deste espectro *de antigamente*. Nota-se a defesa de que falta infância na infância, como se a infância de hoje se afastasse de uma infância ideal, reconhecida no *antigamente*.

Algo se esboça na relação entre estas imagens, nas suas contraposições e justaposições. Entrevem uma pedagogização da infância. A infância da falta situa a criança como aprendiz do mundo adulto, como deficitária dos conhecimentos necessários para se chegar à vida adulta. A infância bitolada, por sua vez, aponta para a fixação das crianças ao universo da informática e da tecnologia, reivindicando através de uma infância saudável que as crianças se exercitem mais, corram mais, brinquem mais na rua e menos em frente às telas. Tudo isso reforça uma infância ideal. Perpassa, porém, essa ideia da necessidade de pedagogização da infância. Ainda que este tenha sido um movimento que vem consolidando-se há séculos, podemos notar na fala das professoras a defesa de uma intensificação da pedagogização, como uma forma de retirar a criança de uma infância bitolada. Isso fica evidente quando perguntamos a uma professora acerca da sua representação de infância no futuro. Sua resposta reforça a diminuição das atividades no interior da casa e com aparelhos eletrônicos, sugerindo uma solução:

as crianças de nove anos que conheço, que estudam de manhã, no turno da tarde, da uma até as sete horas da noite, estão na frente do computador. E acho que faltam outras coisas, poderiam ter outras atividades. Poderia fazer um cursinho, uma aula de futebol de salão, uma aula de dança, uma aula (...) (professora L)

As atividades estão voltadas para a experiência dirigida e instrumentalizada. Nota-se a repetição da “aula”. A professora reforça uma ideia que já vinha sendo apresentada em outras partes de sua fala, atentando para a pedagogização das experiências infantis. Na sequência de sua fala, advoga a favor da educação integral, como possibilidade de preencher de o turno inverso, que envolveriam tais atividades dirigidas. Todo o seu argumento reforça uma infância saudável, atrelado ao projeto de pedagogização das experiências.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa poderá possibilitar um panorama da infância através da representação dos professores. Este panorama possibilitará por um lado, debater, questionar, buscar possibilidades de enfrentamentos das mais diferentes questões que assolam o cotidiano da educação infantil e por outro oferecer elementos que possibilitem formular novas hipóteses e argumentos acerca do tratamento da infância em nossos dias.

As imagens de infância, aqui apresentadas, tem caráter de resultado parcial. Desta forma, mais do que categorias, são imagens móveis, provisórias, que servem de vetores para esta pesquisa e outras que possam se engendrar através dos resultados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. **A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime.** Lisboa: Relógio D'Água, 1988.
- BAUER. M. e GASKELL. G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis –RJ: Vozes, 2002.
- BUSSOLETTI, D. **Infâncias Monotônicas - Uma Rapsódia da Esperança – Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa.** 2007. 395 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- DEL PRIORE, M.(org). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.
- JOVCHELOVITCH. S. & BAUER. M. Entrevista Narrativa. In: BAUER e GASKELL. G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis –RJ: Vozes, 2002.
- MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Psicologia Social, I: influencial y cambio de actitudes individuos grupos.** Barcelona: Paidós, 1985.
- SARMENTO, M. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade.** In: Sarmento, M. e Cerisara, A. **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação.** Porto: Edições ASA, 2004.